



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Scatena Franco, Stella Maris

Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras
historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 4, núm. 7, noviembre-diciembre, 2011, pp. 157-172

Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597770278010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Relatos de viagem sobre a América Hispânica: considerações sobre as obras historiográficas de Feliú Cruz e Estuardo Núñez

Travel writing on Hispanic America: an assessment about historiographical works of Feliú Cruz and Estuardo Núñez

Stella Maris Scatena Franco

Professora adjunta

Universidade Federal de São Paulo

stellafv@gmail.com

Rua Vieira da Silva, 116 - Vila Gertudes

04705-060 - São Paulo - SP

Brasil

Resumo

Este artigo aborda trabalhos de dois autores latino-americanos que se dedicaram a estudos de relatos de viagem sobre as Américas. São eles, o historiador chileno Guillermo Feliú Cruz (1900-1973) e o crítico literário e historiador peruano Estuardo Núñez (1908). Eles estão entre os primeiros, na América Latina, a compilar e inventariar com maior sistematicidade essa documentação, de maneira a propor classificações e abordagens. Seus trabalhos, ainda que seminais, apresentam perspectivas que são questionadas nas reflexões de autores contemporâneos que lidam com as mesmas fontes. O fato de se nortear pela crença de que tais documentos reproduzem fidedignamente a realidade os atrela a uma concepção dominante no passado, mas hoje considerada limitada e insatisfatória. Tal enfoque é explorado neste artigo, que também apresenta as singularidades e aspectos em comum entre esses dois autores no que se refere aos usos dos relatos como fontes documentais.

Palavras-chave

América Latina; Relatos de viajantes; Narrativas.

Abstract

This paper aims to present the works of two Latin American authors who dedicated to study travel writings on the Americas: Chilean historian Guillermo Feliú Cruz (1900-1973) and Peruvian literary critic and historian Estuardo Núñez (1908). They were the first ones in Latin America to compile and inventory such documentation in a more systematic way so that to propose classifications and approaches. Despite being seminal, their works present perspectives which are questioned in the reflections of contemporary authors who use the same sources. Both authors were guided by the belief that those documents reproduce reality faithfully - which relates them to a prevailing conception in the past considered limited and unsatisfactory today. Such an approach is explored in this paper which also presents singularities and aspects in common to both authors concerning the use of reports as documental sources.

Keywords

Latin America; Travel writing; Narratives.

Enviado em: 15/6/2011

Aprovado em: 23/8/2011

Relatos de viagem na historiografia contemporânea

Nas três últimas décadas os relatos de viagem entraram definitivamente no universo de trabalho do historiador e de estudiosos de outras áreas das Ciências Humanas, como antropólogos e críticos literários, passando a ser exaustivamente explorados. Este uso intenso fomentou o surgimento de reflexões críticas em relação à abordagem dessas fontes, reflexões estas atravessadas pelos próprios debates historiográficos ocorridos nesse mesmo período, que apresentavam novos problemas ao historiador, ao mesmo tempo em que ampliavam o universo documental e alertavam para a possibilidade de exploração de novos objetos (LE GOFF; NORA 1978). À já recorrente crítica da perspectiva política tradicional somou-se o questionamento das abordagens macroeconômicas, dando vazão a interpretações mais voltadas para o âmbito cultural, das representações, dos imaginários e das relações entre a política e a cultura (RÉMOND 2003). No bojo deste processo os relatos foram alçados a um patamar privilegiado, sendo valorizados como um rico material de trabalho não só para se acessar informações sobre o passado, mas principalmente para se analisar o olhar estrangeiro sobre as diferentes nações, para se refletir sobre o lugar de enunciação, cultura de origem e interesses particulares expressos no discurso do viajante.

Neste processo de valorização e reinterpretação das fontes emergiu a preocupação de se discutir novas formas conceituais na análise da literatura de viagem. Esta é uma perspectiva que se encontra presente em pesquisa que se tornou referência, na década de 1990, para os estudos sobre relatos. Trata-se do trabalho de Mary Louise Pratt, *Imperial eyes: travel writing and transculturation*, livro que ganhou sua primeira edição em 1992 e no qual a autora desenvolveu certos conceitos que foram bastante utilizados nas pesquisas, estando entre os mais citados “zona de contato” e “transculturação”.¹

158

¹ A versão traduzida e publicada no Brasil é de 1999. Esta é a edição utilizada neste artigo. Em sua perspectiva, o viajante situa-se num espaço social, caracterizada como “zona de contato”, no qual se dá o encontro de culturas díspares que continuamente se chocam e se entrelaçam. Ao mesmo tempo, remarca as relações de dominação e subordinação que atravessam esses encontros (PRATT 1999, p. 27). Cabe lembrar que ela não analisa apenas os autores oriundos do império, mas dedica também uma atenção a alguns latino-americanos. Ademais, não estuda só os relatos produzidos por homens, mas aborda ainda os textos resultantes das viagens femininas, buscando perceber se os “olhos imperiais” acompanharam todos os sujeitos, independente das suas origens espaciais ou de gênero. Realiza uma crítica às perspectivas que tomam como ponto de partida as ideias de “influência” e “cópia”, pautadas numa postura eurocêntrica, segundo a qual Europa é representada como centro de difusão de ideias e modelos, e a América é caracterizada como um polo de recepção dos mesmos. Para a autora, a “reimaginação” entre o Velho e o Novo Mundo no contexto do século XIX não resultou apenas das formulações metropolitanas projetadas sobre os povos subordinados, mas do contato e interação entre as duas partes. Em sua concepção, ela se deu por um processo “transcultural”: assim como a periferia se apropria dos modos metropolitanos de representação, “as construções europeias sobre os outros subordinados teriam sido moldadas por estes últimos, através da construção de si próprios e de seu ambiente, tal como eles os apresentaram aos europeus” (PRATT 1999, p. 32). Alguns autores apontam certos problemas presentes na obra de Mary Louise Pratt, como é o caso da brasileira Luciana de Lima Martins, em *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico*. De acordo com as apreciações críticas desta autora, Pratt trata os europeus sob o rótulo do “olhar imperial”, anulando as particularidades individuais dos viajantes e fazendo com que as vicissitudes e a heterogeneidade das representações permaneçam obscuras (MARTINS 2001, p. 21-33). Do meu ponto de vista, ainda que a ressalva seja válida, é preciso cuidar para que as críticas ao “olhar imperial” não cheguem ao ponto de deixar na sombra as implicações políticas possíveis de serem evidenciadas nas trajetórias e discursos dos sujeitos diretamente envolvidos com os projetos de imposição imperialista das potências europeias.

Ponderações recentes acrescentam novas discussões e questionam a ideia de objetividade supostamente guardada pelo relato, pelo fato dele ter sido escrito, presumidamente, por um espectador ocular de certos eventos históricos. Este tipo de confiança nas fontes vem sendo jogado por terra na medida em que vão sendo identificadas narrações confeccionadas a partir da reprodução ou apropriação de outros relatos; isto, por outro lado, lança instigantes desafios metodológicos, como a ampliação para uma análise que ultrapassa a concepção de produção autoral individual - projetando-a para uma perspectiva coletiva -, bem como a abordagem pelo viés da recepção.²

Outras avaliações, também contemporâneas, são desenvolvidas no sentido de problematizar a caracterização destas fontes de forma muito rígida, seja porque são extremamente carregadas de subjetividade ou porque são muito heterogêneas e podem adquirir formas diversificadas (autobiografia, cartas, relatórios, memórias etc.). Nesse sentido, o tratamento da literatura de viagem enquanto um gênero específico chega até mesmo a ser questionado.³

Uma série de problematizações está presente também em trabalhos realizados no âmbito da historiografia latino-americana. No Brasil, uma fértil produção historiográfica vem se desenvolvendo desde a década de 1970.⁴ Um dos primeiros trabalhos a discutir a necessidade de se analisar tais fontes sob nova abordagem é a obra *Livros de viagem*, de Miriam Moreira Leite, na qual estuda, por meio dos relatos, a condição feminina e de trabalho dos naturalistas no Rio de Janeiro no século XIX. No exame que a autora faz sobre a produção resultante das análises de relatos até a década de 1970 destaca a ausência de uma leitura crítica das fontes.⁵ Posteriormente a este trabalho, várias teses acadêmicas centradas especificamente na análise de relatos de viagens foram realizadas, livros foram publicados e revistas especializadas reuniram artigos em formato de dossiês dedicados a sínteses de pesquisas que exploraram estas fontes (FRANCO 2011). Não cabe aqui me alongar sobre esses trabalhos, mas vale destacar a importância de uma obra produzida no âmbito da crítica literária,

² Para uma discussão sobre desafios metodológicos colocados pela análise de texto sem autoria comprovada, ver estudo sobre Jean de Mandeville (FRANÇA 2007).

³ Sobre o hibridismo e o questionamento do relato enquanto gênero, ver BORM 2004. Para uma apresentação das tendências contemporâneas de trabalhos com relatos de viagem e outras problematizações metodológicas, ver JUNQUEIRA 2011.

⁴ Não seria possível abarcar aqui toda a abundante produção historiográfica brasileira sobre relatos de viagem. Seleccionamos algumas obras que têm como fontes principais os relatos de viagens do século XIX. Para uma análise mais abrangente, remetemos a outro trabalho nosso, recentemente publicado (FRANCO 2011). Para viajantes do período colonial, ver os trabalhos de Jean Marcel de Carvalho França (FRANÇA 1999; FRANÇA 2000; FRANÇA; RAMINELLI 2009).

⁵ Segundo Leite "os relatos de viajantes estrangeiros têm sido utilizados como documentação em trabalhos de História, Sociologia, Economia e Antropologia. Até 1970, contudo, tinham sido aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica. Embora sejam fontes promissoras de dados qualitativos (principalmente) para a História Social, a documentação que fornecem precisa passar por um crivo analítico, que torne válida a sua contribuição (LEITE 1997, p. 9). Ainda que alertando para a necessidade de se analisar o relato sob o viés da representação, a autora privilegia a dimensão do cotidiano. Para ela, apesar do viajante muitas vezes resvalar em estereótipos, ele possui um olhar privilegiado, pois como "ator de passagem" coloca-se como observador atento da realidade visitada (Idem, p. 17). Entre os aportes metodológicos, em seu trabalho com viajantes, iniciado em meados da década de 1970, a autora sistematiza séries de dados, estabelece diferenças entre as diversas formas de relatos, delimita recorte espacial e temporal; elege tema central e subtemas relacionados, os organiza em forma de índice e, enfim, indexa todos estes dados.

que se tornou referência para o estudo das imbricações entre os relatos de viagem e a produção cultural do país no século XIX. Trata-se de *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, de Flora Süssekind, publicado em 1990, no qual mostra a intertextualidade entre a prosa de ficção brasileira nos 1830 e 1840 e os relatos dos estrangeiros, bem como a contribuição dos últimos na projeção das imagens de Brasil forjadas na produção nacional.⁶

No que concerne à produção hispano-americana recente, efetuada com base na literatura de viagem, as análises tendem igualmente a discutir as representações, as imagens e as projeções simbólicas presentes nos discursos, envolvendo ainda, fortemente, as questões de identidade. Esta última é explorada a partir de diferentes dimensões. As formas de configuração de identidades em meio às viagens podem se encontrar aliadas às representações do nacional em conexão com o universo europeu. Nesta linha, exemplos importantes da produção historiográfica recente sobre as viagens enfocaram o Chile⁷ e a Colômbia.⁸ Numa outra chave, é pelas relações de gênero e de

⁶ Neste livro, a autora analisa os “diálogos” entre os relatos dos estrangeiros e os escritos da prosa de ficção brasileira nos 1830 e 1840, e como isso colabora para a formação de uma dada ideia de nação com exaltação de uma paisagem natural brasileira. Ela pretende mostrar que a noção de Brasil projetada por nossos românticos foi perpassada pelo olhar estrangeiro. Muito mais do que buscar um “Brasil real”, se propõe a analisar as imagens construídas nestes cruzamentos entre “crônicas, relatos, notícias, romances, por uma sucessão de miradas, estrangeiras ou não, que lhe demarcam os contornos, tonalidades, sombreados” (SÜSSEKIND 1990, p. 32).

⁷ Carlos Sanhueza Cerda, em *Chilenos en Alemania y Alemanes en Chile: viaje y nación en el siglo XIX*, realiza uma pesquisa a respeito do que chama de “experiências cruzadas”. A despeito das dificuldades de estudar personagens oriundos de diferentes realidades, afirma ser o resultado mais desafiador. Para ele, a própria análise de personagens em situação da viagem traz contribuições para compreensões mais complexas das representações do nacional, já que os sujeitos “que estão distantes” e em constante vivência em situações de alteridade, produzem imagens não estáticas, que se reconstróem de acordo com o próprio trajeto. O autor remarca o peso da historiografia tradicional, segundo a qual o Chile desponta como um país “ordenado, homogêneo, tempranamente identificado con una nación”, o que geralmente é associado à figura de Diego Portales, como garantidor da ordem e estabilidade. Esta é, para Sanhueza, uma noção estatal (e estática) que se construiu da nação (SANHUEZA CERDA 2006, p. 139). Ao analisar os viajantes chilenos, afirma que os relatos, com as representações de nação forjadas à distância, permitem outras apreensões. Por um lado, os chilenos se incluem em meio a uma representação mais abrangente de “latinidade”, quando certos estereótipos são projetados em relação aos povos germânicos; em outros contextos, valorizam a “chilenidade”, ao inverterem pré-concepções negativas projetadas por europeus em relação ao Chile e à América, ressaltando as qualidades e potencialidades naturais e materiais do país, apontadas como ainda desconhecidas e inexploradas. Procedem, neste caso, a uma inversão da relação centro-periferia (Idem, p. 178). Sanhueza identifica ainda nuances de viajante para viajante, verificando desde pendores religiosos até tendências utilitárias.

⁸ Frédéric Martínez, em *El nacionalismo cosmopolita: la referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845-1900*, trata das viagens de colombianos para a Europa. Seu trabalho não se circunscreve apenas nas viagens. O propósito é bem mais amplo, almejando compreender o nacionalismo colombiano, entendido como instrumento de conquista do poder; os mitos políticos construídos no país ao longo do século XIX; o papel dos grupos dirigentes na construção da nova nação; a história de uma geração política que passou do radicalismo liberal do pós-independência ao tradicionalismo no final do século; e as dificuldades de constituição do Estado colombiano (MARTÍNEZ 2001, p. 14). Por trás de tudo isso está a pretensão - negando a lógica difusionista e eurocêntrica da cópia dos modelos - de dar historicidade à forma como a “referência europeia”, apropriada ou rechaçada pelas elites, operou nas relações políticas ao longo do século. Para o autor, no pós-independência o cosmopolitismo era reinante, mas com o passar do tempo este cedeu espaço para um viés nacionalista que chegou a rechaçar as influências externas (MARTÍNEZ 2001, p. 38). Vale notar que, de certa maneira, o que Carlos Sanhueza entende como inversão das relações centro-periferia, é observado aqui como uma construção do nacional realizada por meio da resistência ao estrangeiro e na contramão do cosmopolitismo. De qualquer maneira, a referência europeia é para o autor uma constante, e um dos mecanismos de acesso (ou de rechaço) a ela é a viagem (MARTÍNEZ 2001, p. 203-239). Os que viajavam ajudavam a criar um imaginário em relação à Europa, e este era compartilhado pelos que ficavam, por meio das leituras.

etnicidade que a questão das identidades é abordada. Para este caso, uma pesquisa sobre as viagens de mulheres da (e para a) Argentina traz contribuições importantes.⁹

Trabalhos inaugurais no âmbito das viagens e suas contribuições

Essas novas vertentes são devedoras de alguns trabalhos produzidos em perspectivas mais tradicionais, de autores que se dedicaram profundamente ao estudo dos viajantes e de seus relatos. Dentro dessa perspectiva, selecionamos, para tratar neste artigo, a produção de dois latino-americanos. São eles, o historiador chileno Guillermo Feliú Cruz (1900-1973) e o crítico literário e historiador peruano Estuardo Núñez (1908). Eles exploraram estas fontes em um momento em que elas não tinham tanta visibilidade, pois ocupavam um lugar secundário no rol de documentos mais visados pelos historiadores. Atualmente, em meio à especialização que atinge a atividade profissional do historiador e em decorrência da atenção acentuada que os relatos receberam, o tema das viagens suscitou um quadro significativo de leituras críticas e reflexões sobre pressupostos metodológicos. Penso que um olhar sobre a produção historiográfica mais antiga, permite avaliar o que certos trabalhos inaugurais apresentaram em termos de contribuições, bem como o que entendemos ser hoje os seus limites. É por este viés que abordaremos alguns textos dos autores mencionados. Antes disso, entretanto, apresento-os brevemente.

Estes dois autores guardam algumas semelhanças em suas trajetórias. Ambos estiveram atrelados a instituições de âmbito educacional e cultural dos seus países, o que se deu particularmente por meio do ensino. Feliú Cruz atuou em estabelecimentos como o Instituto Pedagógico e Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade do Chile, lecionando sobre História Americana e Chilena. Núñez foi docente de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, onde se doutorou em Letras, em 1932. Tem formação de crítico literário e é também considerado historiador, sendo membro da Academia Nacional de História no Peru. Os dois dirigiram instituições importantes no âmbito da educação e cultura, cabendo destacar suas vinculações com as Bibliotecas Nacionais de seus países. Feliú Cruz foi por muito tempo conservador da Biblioteca Nacional do Chile, tendo cuidado do acervo doado à instituição pelo historiador José Toribio Medina.¹⁰ Presidiu a Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos (DIBAM), entre 1960 e 1967. Núñez, por sua

⁹ Tal perspectiva é encontrada no trabalho de Mónica Szurmuk, originalmente publicado em inglês, como *Women in Argentina: early travel narratives* (University Press of Florida, 2000). A versão aqui utilizada é a publicada em espanhol, em 2007. A autora analisou relatos de viagem de mulheres europeias e norte-americanas na Argentina, bem como argentinas que circularam pelo interior do país e para os Estados Unidos e países europeus. Em sua pesquisa, mostra que no processo de formação da nação argentina o ideal civilizador foi projetado em torno das figuras brancas e femininas, ao passo que o homem mestiço foi interpretado como símbolo da barbárie. Defende a tese de que as mulheres brancas aproveitaram este lugar privilegiado para intervir no projeto de constituição da "nação civilizada", chegando a criticar os pressupostos que estavam na base deste discurso, como era o caso, por exemplo, da exclusão dos indígenas (SZURMUK 2007, p. 12).

¹⁰ Trata-se da atual "Sala Medina" da Biblioteca Nacional do Chile.

vez, dirigiu a Biblioteca Nacional do Peru entre 1969-1973. Referências comuns nas letras hispano-americanas marcaram parte da produção dos autores, que escreveram textos sobre, por exemplo, Andrés Bello e Ricardo Palma.

Em termos da produção, entretanto, é possível apontar algumas singularidades. É fácil constatar que os trabalhos sobre viagem, apesar de significativos, não correspondem ao grosso da obra de Feliú Cruz, enquanto Núñez faz deles o grande eixo de sua produção. O historiador chileno elaborou uma obra com diferentes enfoques: escreveu biografias¹¹ e ensaios bibliográficos;¹² desenvolveu estudos com enfoque histórico-social ou com ênfase no pensamento político;¹³ empenhou-se, finalmente, na compilação de fontes.¹⁴ A “porta de entrada” para a realização dos estudos sobre viagens feitos por Feliú foi a atuação na Biblioteca Nacional, onde teve acesso às coleções de livros doadas por importantes historiadores chilenos. Ao contrário, o caminho aberto para Núñez para o estudo dos textos de viagem foi seu desempenho como especialista em Literatura Comparada, campo no qual desenvolveu trabalhos de análise sobre as influências da literatura estrangeira na literatura peruana.¹⁵

O principal trabalho de Feliú Cruz no âmbito das viagens foi publicado como adendo a um livro do importante historiador chileno José Toríbio Medina e intitula-se “Notas para uma bibliografia sobre viajeros relativos a Chile” (FELIÚ CRUZ 1962). Estas precedem seis relatos produzidos entre 1615 e 1814, traduzidos e prologados por Medina. Feliú Cruz realizou um inventário dos viajantes que passaram pelo Chile e também dos que partiram dali para outras regiões. Para tanto, utilizou obras da historiografia chilena dos séculos XIX e XX, bem como catálogos de bibliotecas públicas e particulares. Suas “Notas...” compõem um pioneiro exame historiográfico, relativo ao uso dos relatos pelos historiadores. Há que se reconhecer a importância de seus trabalhos, lembrando que realizou uma excelente compilação de fontes. A obra de Feliú Cruz mostra que as viagens foram consideradas como tema de primeira importância para os historiadores chilenos desde o século XIX, podendo-se concluir, pelos levantamentos do autor, que a produção historiográfica chilena daquele período foi construída na intertextualidade com os relatos dos viajantes.

¹¹ Dentre os biografados por ele estão Matta Vial, Ricardo Palma, Manuel Antonio Talavera e Vicente Pérez Rosales.

¹² Com estudos sobre as obras de Benjamín Vicuña Mackenna, Francisco Encina, Claudio Gay, Amunátegui Solar, José Toríbio Medina, Diego Barros Arana e Ramón Laval.

¹³ Trabalho sobre a abolição da escravidão no Chile e sobre as ideias de O’Higgins.

¹⁴ Organizou epistolário de Diego Portales e publicação com documentos sobre José de San Martín.

¹⁵ Patricia B. Vilcapuma Vincés chama a atenção para o pioneirismo do autor na área de estudos dos relatos de viagem no Peru, sendo seu trabalho uma contribuição à literatura de viagem e à literatura comparada. De acordo com ela, Núñez pesquisou em duas frentes: uma mais antiga, que iniciou nos anos 1930, de investigar os estrangeiros no Peru, buscando as marcas dos viajantes na literatura peruana; e outra focada na busca dos textos de viajantes peruanos, para fora e dentro do próprio país (VILCAPUMA VINCÉS 2008). As relações entre a literatura comparada e as viagens podem ser observadas pelos títulos de alguns de seus livros: *Literatura comparada en hispanoamérica* (1964); *Las letras de Itália en el Peru* (1968); *Las relaciones entre la literatura alemana y peruana* (1977); *El Japón y el lejano Oriente en la literatura peruana* (1968).

Publicou ainda, em 1970, *Santiago a comienzos del siglo XIX: crónicas de los viajeros*. O objetivo é retratar a cidade de Santiago no começo do século XIX, por meio de relatos de dezesseis viajantes estrangeiros, de origens inglesa, francesa, alemã e norte-americana (FELIÚ CRUZ 2001). Somou à sua documentação duas memórias de chilenos, alguns textos de periódicos e cartas. Ao longo da obra, desenvolvem-se descrições da cidade, desde a estrutura urbana até os serviços; os costumes, do vestuário à vida religiosa; e as estratificações sociais. Este livro também cumpre o papel de um material de consulta para o especialista. Entretanto, traz um apelo diferenciado em relação ao trabalho anteriormente citado. Em sua concepção visualiza-se a pretensão a que o livro seja destinado a um público mais amplo. O autor explica que seu objetivo é apresentar ao leitor uma obra que “le sea grata, sencilla, acogedora, recordatoria de una ciudad como Santiago, que tuvo en su pasado una existencia que la hizo virtualmente feliz, paradisíaca, al decir general de los viajeros consultados” (FELIÚ CRUZ 2001, p. 23). Continua explicando que de cada viajante extraiu uma parte referente aos diversos temas que pretendia abordar nos capítulos, fazendo adaptações aos textos, “para dar al libro el tono que nos hemos propuesto, es decir, de una lectura fácil, eminentemente atractiva...” (FELIÚ 2001, p. 22-23). O livro tem, portanto, a finalidade de entreter, sem perder o caráter compilativo. Grosso modo, ainda que haja nos trabalhos citados alguma análise das fontes, o que sobressai é um esforço de reunião de textos de viajantes em forma de antologias ou listagens e de publicações de relatos na íntegra, em geral em versões pela primeira vez traduzidas para o espanhol. Com isso contribuiu, sistematizando um material relativamente disperso.

Estuardo Núñez também cumpriu este papel de organizar grandes compilações, como, por exemplo, a realizada para a Comissão do Sesquicentenário da Independência, que é uma antologia de viajantes, em quatro volumes, com textos de estrangeiros no Peru no período das lutas pela emancipação, entre 1808 e 1824.¹⁶ Concordo com Vilcapuma Vincés quando afirma que o estudioso se esforçou para obter maior sistematicidade em torno da reunião do então disperso material, mas que não se limitou a “juntar” as obras. A autora mostra que em alguns trabalhos Núñez estabeleceu também certas classificações e tipologias, elegendo critérios cronológicos e de procedência e buscando definir os perfis dos viajantes que aportaram no Peru.¹⁷

Núñez procurou evidenciar as conexões do Peru com o “estrangeiro” publicando textos sobre o retrato do país na obra de viajantes alemães, como denotam seus estudos, por exemplo, das obras de Humboldt e Rugendas. Em

¹⁶ Intitula-se *Relaciones de viajeros* e foi publicado entre 1971 e 1973.

¹⁷ Estes estudos do autor resultaram nas seguintes classificações: os viajantes de finais do XVIII e início do XIX eram marcados por um perfil ilustrado e realizavam viagens científicas, como as de Alexander Von Humboldt; descreviam a situação social e o clima político às vésperas da independência. Os que vieram na sequência, nas primeiras décadas do século XIX, eram sobretudo periodistas. Os ingleses eram majoritários e se interessavam mais pelas questões econômicas; os franceses vinham em segundo lugar em termos numéricos e se voltavam mais para as descrições dos aspectos políticos, históricos e sociológicos. A preocupação com aspectos etnográficos e antropológicos seria uma presença em viajantes da segunda metade do século XIX (VILCAPUMA VINCÉS 2008).

coletâneas, enfocou ainda presença de viajantes de outras regiões, como italianos, ingleses, norte-americanos e brasileiros no Peru.

Em relação aos viajantes hispano-americanos, cabe indicar dois trabalhos: organizou a publicação do relato, na íntegra, do peruano Pedro Paz Soldán y Unanue, intitulado *Memorias de um viajero peruano: apuntes y recuerdos de Europa y Oriente* (1859-63), e publicou, na prestigiosa Coleção da Biblioteca Ayacucho, uma antologia de textos de viagens escritos por hispano-americanos. Na apresentação a este livro faz uma discussão sobre o gênero literatura de viagem, na qual identifica uma aproximação da “crônica” com a “viagem”, ao mesmo tempo em que evidencia os contrastes. A crônica, segundo o autor, é ancorada no tempo, enquanto a viagem, o é no espaço e na descrição da realidade; ou seja, o autor alude a uma relação estreita entre a viagem e a geografia e a crônica e a história (NÚÑEZ 1989, p. XI; VILCAPUMA VINCES 2008).

Não cabe citar toda a produção do autor, mas não quero deixar de mencionar uma ação que mostra, do meu ponto de vista, sua atualidade. Atentou para experiências de deslocamento de personagens com uma marcada presença na história peruana, como são os casos de José Carlos Mariátegui e Flora Tristán. Em relação a esta última, publicou e fez um estudo preliminar ao seu relato *Paseos en Londres* (1972), muito antes de Mary Louise Pratt dar à autora uma visibilidade maior com a análise de outro relato seu, as *Peregrinações de uma pária* (PRATT 1999, p. 267-293). Pelo volume e abrangência diversa dos textos sobre viagem escritos por este autor, nota-se o olhar atento às situações de deslocamentos, às experiências no estrangeiro, às circulações entre o Novo e o Velho mundo, os extremos Ocidente e Oriente e os trânsitos entre as Américas - da espanhola à portuguesa e vice-versa, de norte a sul, de sul a norte, pelo Atlântico ou pelo Pacífico. Estas são algumas contribuições deixadas nos seus trabalhos.

164

Identificações de limites e apreciações críticas

Se as compilações e classificações trazem como aspecto positivo a disponibilização de um material antes disperso, por outro lado, sabemos que elas apresentam também os seus limites e problemas. No caso de Feliú Cruz, o esforço de compilar obras se liga a uma inspiração em práticas da historiografia positivista do século XIX. A tese central das “Notas...” é a de que desde o início da historiografia chilena, em meados do século XIX, os historiadores (e outros letrados) do país utilizaram-se fartamente dos relatos de viagem para escrever a história nacional.

Na primeira parte da obra Feliú Cruz percorre os trabalhos de vários autores e acaba por fazer um inventário dos relatos que eram utilizados. Chega até mesmo a checar se os relatos usados pelos historiadores estavam em suas versões originais ou traduzidas (FELIÚ CRUZ 1962, p. LII). Examina as obras do frei José Javier de Guzmán, do naturalista Claudio Gay, do escritor Andrés Bello e de diversos historiadores, dentre os quais destaco apenas alguns, como

Diego Barros Arana, Benjamín Vicuña Mackenna, Miguel Luis Amunátegui, José Toríbío Medina e Enrique Matta Vial. Cruz faz uma verdadeira defesa dos autores que utilizaram amplamente os relatos, criticando aqueles que deles se aproveitaram de forma mais sucinta. Estão entre os seus preferidos, Barros Arana, Vicuña Mackenna e Toríbío Medina. Este último teria superado os dois primeiros - considerados fundadores da historiografia chilena - por ter traduzido alguns viajantes, o que ajudaria na difusão destas obras (FELIÚ CRUZ 1962, p. LXXXII). Matta Vial também está entre os que figuram positivamente em seu conceito, sobretudo pelo empenho em publicar coleções de viajantes estrangeiros ao Chile, ato que está na origem de projetos ambiciosos que contaram com apoio governamental e resultaram na fundação da *Sociedad Chilena de Historia y Geografía* e da *Revista Chilena de História e Geografía* (1911) (FELIÚ CRUZ 1962, p. CVI- CXIII).

Na segunda parte das "Notas..." o autor investiga as coleções de livros doados por importantes escritores chilenos à Biblioteca Nacional e também algumas coleções particulares; na terceira e última traz uma relação de títulos das obras dos viajantes nelas constantes organizando-os pelas origens nacionais dos mesmos. Lista ainda alguns trabalhos bibliográficos sobre viajantes.

Apesar de ter escrito menos sobre viagens do que Núñez, um traço a ser destacado no trabalho de Feliú Cruz é a monumentalidade. Suas compilações são grandiosas, como são volumosas também as obras dos autores que considerava seus grandes mestres. Na introdução, o autor lamenta a existência das tantas lacunas presentes nas "Notas...", mas ao mesmo tempo abandona a modéstia afirmando ser o seu trabalho o estudo até então mais acabado sobre o tema:

Con toda franqueza reconocemos y decimos que nuestra bibliografía es un ensayo incompleto. Más todavía: incompletísimo, deficiente. [...] Pero al no existir algo mejor de lo que entregamos, hemos aventurado este ensayo para incitar a que se haga outro mucho mejor todavía (FELIÚ CRUZ 1962, p. XI).

Superando outras compilações, o autor reuniu nesta obra mais de quinhentos títulos de relatos, entre viajantes que vieram da Europa para a América Latina (particularmente ao Chile) e os próprios americanos (da América Latina e anglo-saxã) que realizaram viagens para dentro e fora do continente. A pretensão à monumentalidade, mais do que uma veleidade pessoal, era a marca dos historiadores do século XIX, dos quais Feliú Cruz considerava-se herdeiro. Vicuña Mackenna e Diego Barros Arana foram, eles próprios viajantes, tendo compilado, nos arquivos europeus, fontes que julgavam necessárias à escrita da História nacional. De acordo com as palavras de Feliú Cruz, estes autores eram propensos à arte da narração e se empenharam nos trabalhos de erudição bibliográfica e documental.¹⁸ Os relatos podem, para Feliú, ser usados como "notas explicativas

¹⁸ A *historia general de Chile*, de Diego Barros Arana, levou 26 anos de preparação e 18 de publicação (FELIÚ CRUZ 1962, p. XLV).

destinadas a discutir “los accidentes de la narración, el valor de las fuentes bibliográficas o documentales y la crítica de los materiales” (FELIÚ CRUZ 1962, p. LXXV). Aqueles que abrem mão deste recurso ou que o utilizam escassamente - como ocorre, em sua opinião, com José Luis Amunátegui, autor de *La dictadura de O’Higgins*, em 3 volumes - acabam por realizar um trabalho “en un estilo literário en el cual la oración es corta, a veces demasiado breve”, e cujo resultado é “pobre” (FELIÚ CRUZ 1962, p. LXXV). Seu juízo crítico recai ainda sobre Carlos María Sayago, autor de *História de Copiapó*, de 1874, que também teria usado brevemente os relatos.

...el lector siente casi siempre verse privado del placer de comprobar lo que dice Sayago. Es demasiado parco para dar las fuentes en que apoya sus aseveraciones, aunque ellas se encuentren bien establecidas. Sayago, como Concha [Manuel], sentía una profunda aversión a las manifestaciones externas del aparato erudito (FELIÚ CRUZ 1962, p. LXXIX).

Como se pode notar, o autor projeta o uso do relato visando conferir à obra historiográfica uma *erudição*. Também procura, por intermédio destas fontes, *comprovar* certos eventos. Nesta perspectiva a problematização parece acabar ficando em segundo plano. A própria ideia de comprovação mostra que o autor deposita uma grande confiança no documento como transmissor de uma verdade indiscutível. De fato, a concepção que permeia o trabalho de Feliú Cruz é de que os relatos de viajantes devem ser utilizados como “fontes de informações”. De forma complementar, prepondera a visão de que estas são “imparciais”, porque oriundas de testemunhos oculares da história:

El impacto de esta sociedad sencilla, patriarcal y bondadosa, por otra parte, fue grande en la imaginación de casi todos los viajeros, y al sorprenderse del estilo primitivo de ella, les pareció de tiempos bíblicos. Sin embargo, la describieron con exactitud. En razón de ser testimonios imparciales, en cierto modo, pero en todo caso directos, la historiografía chilena, al igual que la de los otros países americanos, les reconoció el valor de fuentes de imprescindible información, e incorporó su relato como material de primera mano (FELIÚ CRUZ 1962, p. XVI).

Não chega a descartar a presença de algum grau de “idealização”, mas isso não parece ser incompatível, na leitura do autor, com a ideia de fidedignidade destas fontes:

Románticamente, cogieron un mundo extraño para ellos, haciendo de la lectura de sus libros una de las más gratas para el hombre de nuestro tiempo, y aunque se pueda encontrar en estos autores idealizaciones, el fondo de la descripción, el juicio, la opinión, la forma de interpretar, es siempre real, verídica, fidedigna (FELIÚ CRUZ 2001, p. 22).

A visão de América Latina por Feliú Cruz acaba por padecer de uma pré-concepção derivada da própria leitura das fontes, sem que as mesmas passem por um viés crítico. Isso é identificável na incapacidade de romper um discurso tão presente nos relatos europeus, segundo o qual a América é retratada como lugar por excelência da natureza, ao passo que a Europa (sobretudo a França e

a Inglaterra) o é pelo seu elevado grau civilizacional e pela modernidade (FELIÚ CRUZ 1962, p. XIV). Ainda que a natureza seja por vezes um valor enaltecido pelos viajantes - justamente o que atraía os espíritos mais "românticos" - e a civilização seja criticada, a dicotomia e a dualidade representam traços muito comuns ao discurso imperial oitocentista, de modo que a simples inversão dos termos não chega a representar uma postura mais radical de implosão destas polaridades. O enaltecimento, por alguns dos viajantes, da natureza do continente, ao contrário de ser entendido como parte de um discurso imperial, acaba por ser apropriado pelo autor como um dado de reforço a uma visão afirmativa das "cosas americanas" (FELIÚ CRUZ 1962, p. XVI).

Com o objetivo de mostrar como é problemática a ideia de veracidade absoluta das fontes, serão mobilizadas aqui duas passagens do livro *Santiago a comienzos del siglo XIX*, escrito por Feliú Cruz. A primeira localiza-se na introdução. Ali o autor explica que fez parte de seu método colocar lado a lado as opiniões diversas dos viajantes no caso de discrepâncias (FELIÚ CRUZ 2001, p. 23). Saltando desta abertura para uma parte no interior do livro, dedicada à descrição do *Paseo de la Cañada*, o autor contrasta a opinião de um memorialista chileno, José Zapiola, com a de outros autores viajantes. A lembrança do chileno é a de um lugar sujo, desorganizado e com animais mortos pelo caminho (FELIÚ CRUZ 2001, p. 79). A dos viajantes consultados difere integralmente:

167

Ninguno de los viajeros citados contempló lo descrito por Zapiola. Haigh dice que la Cañada comenzó en 1817, cuando él estaba en Santiago. No observó nada de lo que Zapiola puntualiza. En 1821 describieron la Cañada Bladh y Longville-Lowell, y en 1822, Lafond de Lurcy y Graham, sin que el estado de abandono del lugar les llamara la atención. Sólo un viajero, Schmidt-meyer, dice que la belleza de situación del paraje está completamente recompensada con lo que se debe pasar alto, la falta de mayor cultura de los vendedores, que es una cosa distinta de las inmundicias, caballos y burros muertos que encuentro Zapiola en el lugar (FELIÚ CRUZ 2001, p. 306, nota 170).

O que se pode evidenciar na passagem é que, primeiramente, o autor "elege" uma voz autorizada, que é a dos viajantes estrangeiros, colocados, em sua escala de valor, num patamar superior aos próprios testemunhos nacionais. Esta voz ratifica a imagem da América como "paraíso natural", que foi propalada por parte dos viajantes e ressignificada, neste caso, pela historiografia nacional, da qual Feliú Cruz é representante. Tal imagem é a de uma paisagem idílica, romântica, sem conflitos. Sabemos que esta visão favorável não foi o único tipo de representação dos viajantes em relação aos cenários latino-americanos conhecidos e visitados. Ao contrário, muitos deles também criticavam a América Latina pela falta de civilização e pela "barbárie dos costumes", localizada sobretudo nos atos das populações indígenas e mestiças.¹⁹ Mas, na perspectiva

¹⁹ Para uma visão negativa da América Latina pelos viajantes europeus do século XIX, consultar PRATT 1999, particularmente análise do que a autora chama de "vanguarda capitalista".

do autor, não são as representações (CHARTIER 1990; 1991) que estão em questão – e não poderia ser diferente, já que esta discussão estava ausente daquele horizonte de expectativas. De qualquer maneira, a situação ilustra as opções que se apresentam diante da consideração das fontes como retratos da verdade histórica. Neste caso restou ao historiador apelar à frequência e aos números, vencendo a versão com maior quantidade de apreciações coincidentes. Este argumento também é, em minha visão, bastante frágil, tendo em vista que se poderia sempre alegar que a quantidade de relatos não foi esgotada. Ademais, no leque de opções que possuía, escolheu eleger como “verdadeiro” o testemunho estrangeiro, respaldado como voz autorizada do discurso, em detrimento do nacional.

O fato de o viajante vivenciar *in loco* certas circunstâncias sem dúvida fortalece a ideia de que seu testemunho corresponde à verdade. De maneira um pouco mais relativizada do que Feliú Cruz, este aspecto também se encontra presente nas considerações de Estuardo Núñez. Ao comentar um texto de um missionário jesuíta bávaro (Wolfgang Meyer) no Vice-Reino do Peru em meados do século XVIII, afirma que o viajante retrata em minúcias, um quadro de “color local y estampas muy vívidas de los usos de los habitantes, sus vicios y virtudes. Aunque adolece de algunas inexactitudes, el relato es vívido y ameno, e sus observaciones resultan útiles y acertadas” (NÚÑEZ 1969, p. 11-12). Para o autor, um critério positivo de avaliação do relato de viagem é o grau de detalhamento na descrição. Referindo-se a este mesmo missionário, afirma ressentir-se apenas do fato de seu relato não ser tão “detalhado” quando narra sobre o altiplano do Peru e a selva da Bolívia (NÚÑEZ 1969, p. 12). Outro critério para diferenciar um bom de um mau relato é a “precisão” atingida pelo narrador. Tratando do romancista hamburguês do século XIX, Friedrich Gerstaecker, afirma: “[...] es verdad que su expresión adolece de descuido y que a veces su prosa se hace abigarrada e imprecisa” (NÚÑEZ 1969, p. 15). É possível perceber a expectativa que o autor nutre em relação à narrativa do viajante: ela deve ser o mais detalhada, minuciosa, precisa e uniforme possível.

Espera também que o estrangeiro seja imparcial, o que garantiria a veracidade de seu relato. Para tratar da veracidade, entretanto, o autor escolheu um exemplo questionável, por ser extremamente suscetível a parcialidades. Faz elogios ao alemão Hugo Zöllner, pelo fato deste tecer considerações favoráveis aos peruanos quando de sua visita ao país, durante a Guerra do Pacífico, que entre 1879 e 1883 opôs peruanos e chilenos, reservando a vitória a estes últimos e fomentando o nacionalismo de ambos os lados:

El periodista veraz rinde toda su pleitesía a los héroes peruanos de la Guerra [...] Por lo demás, son de primera mano y de gran interés histórico las apreciaciones tan ponderadas sobre la dolorosa situación observada en Lima durante la ocupación chilena, que lo embarga de preocupación en los días que le tocó vivir en la capital, en el mes de diciembre de 1883, época de la cual existen escasos testimonios y nunca tan imparciales como el de Zöllner (NÚÑEZ 1969, p. 27).

Se neste caso encontra um relato “veraz” da situação de Lima no fim da guerra, chega a desconfiar da parcialidade dos viajantes e algumas descrições, particularmente as descrições que faziam dos indígenas. Em relação a Bayer, afirma que é preciso “reconocer su intolerancia característica y su incompreensión del indígena, derivada de su prejuicio racista” (NÚÑEZ 1969, p. 13). Da mesma maneira, critica o médico e naturalista vienês Karl Scherzer por defender a existência de diferenças raciais a partir de critérios valorativos, superiores e inferiores, usados para situar, respectivamente, os brancos e os indígenas/mestiços (NÚÑEZ 1969, p. 22-23).

A crítica social presente em Núñez o leva, em última instância, a relativizar a ideia de veracidade das fontes. Por outro lado, o fato de encontrar uma suposta veracidade no relato da guerra escrito por Zöller, denuncia a sua própria parcialidade. De qualquer maneira, alcança uma distância em relação à leitura que Feliú Cruz faz dos viajantes, sendo este último muito mais tendente à reprodução das imagens ali presentes, justamente porque mais apegado à ideia do relato enquanto verdade. Não há propriamente uma descrição dos índios no livro sobre Santiago escrito por Feliú Cruz, mas uma passagem sobre a população pobre e mestiça dá uma boa dimensão de como a ausência da leitura crítica da documentação torna a análise permeável aos preconceitos e estereótipos já presentes no relato dos viajantes:

169

Los *rotos* o *rotosos*. Así eran llamados los hombres del pueblo que andaban con sus vestidos hechos pedazos. Eran fornidos, vagabundos, sin Dios ni ley, ni con medios ostensibles de vivir. Rara vez se les veía en épocas de tranquilidad, pero permanecían en acecho en los Barrios como La Chimba, pululando como lobos por las calles, a la expectativa de un saqueo cuando podía ofrecerse una reyerta o revolución. La presencia de sus figuras escuálidas y de aspecto salvaje en la Plaza de Armas, o en otros sitios públicos concurridos, era seguro indicio para los habitantes de Santiago de que se aproximaba alguna revuelta política, pues se sabía de tiempo atrás que eran gentes siempre listas para tomar parte en cualquiera tropelía que se proyectaba (FELIÚ CRUZ 2001, p. 118, grifos do autor).²⁰

Um relativo questionamento da documentação por parte do autor peruano faz com que nos sintamos mais próximos à sua perspectiva do que à do historiador chileno. Ao inserir-se na tradição dos historiadores do século XIX, que privilegiavam a erudição e a monumentalidade, Feliú Cruz atribuiu aos relatos papéis como os de ilustrar e comprovar, tratando as fontes como se elas pudessem transmitir a “realidade pura dos fatos”. Reproduziu um discurso marcado pelo lugar social e ideológico de origem do viajante, fazendo as apropriações e seleções na medida em que buscou preservar uma visão positiva nas descrições das paisagens que reiterassem a imagem da América Latina como “lugar paradisíaco”. Esta imagem, entretanto, não se mantém intacta, como demonstra a presença daqueles que no discurso (dos viajantes e do autor) aparecem como sujeitos “indesejáveis”, “selvagens” ou grupos a serem civilizados.

²⁰ Sobre a transformação da imagem do *roto* entre os séculos XIX e XX, ver: GUTIERREZ 2008.

Não é preocupação central dos dois autores aqui abordados discutir sobre as intencionalidades presentes nas entrelinhas do discurso, atentar para o lugar de enunciação - nacional, social e ideológico - do viajante ou identificar os interesses particulares que mobilizaram suas representações. Entretanto, a despeito da ausência da aludida leitura crítica é preciso ponderar sobre a consciência possível da época e fazer uma análise à luz dos instrumentais teórico-metodológicos do período. Os limites encontrados hoje na leitura de suas obras não são incompatíveis com o reconhecimento da importância de seus trabalhos. Como aponte, foram responsáveis pela compilação, organização e publicização das fontes. Outra contribuição dada por eles e que é importante de ser destacada é o fato de terem colocado os viajantes latino-americanos no horizonte de suas pesquisas. Seus textos e inventários de relatos abarcaram desde europeus e norte-americanos que circularam pela América Latina, até latino-americanos que viajaram pelo próprio continente e para fora. Pelas razões elencadas, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas neste campo cada vez mais fértil do estudo dos relatos de viagem, bem como os trabalhos vindouros, podem se beneficiar em muito da consulta a este rico material, que dá a conhecer diferentes viajantes e os relatos os mais diversificados.

Referências bibliográficas

- BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BORM, Jam. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: YOUNGS, Tim; HOPPER, Glenn. **Perspectives on travel writing**. London: Ashgate, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1990.
- _____. "O mundo como representação". **Estudos Avançados**. 11(5), 1991.
- FELIÚ CRUZ, Guillermo. Notas para una bibliografía sobre viajeros relativos a Chile. In: TORÍBIO MEDINA, José. **Viajes relativos a Chile**. T. I. Santiago de Chile: Fondo Histórico y Bibliográfico José Toríbio Medina, 1962.
- FELIÚ CRUZ, Guillermo. **La literatura de viajes sobre América y Chile y Andrés Bello**. Santiago: Universitária, 1966.
- _____. **Santiago a comienzos del siglo XIX: crónicas de los viajeros**. Barcelona. Buenos Aires; México; Santiago: Editorial Andrés Bellos, 2001.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/>

- FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil colonial**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- FRANÇA, Jean Marcel de Carvalho. **Outras visões do Rio de Janeiro colonial**: antologia de textos (1581-1808). Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- _____. **Visões do Rio de Janeiro colonial**: antologia de textos (1531-1800). Rio de Janeiro: EDUERJ; José Olympio, 1999.
- FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Introdução. In: _____. **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru: Edusc, 2007.
- GUTIÉRREZ, Horácio. Exaltação do mestiço: a invenção do roto chileno. **Esboços** (UFSC), v. 20, p. 139-153, 2008.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/>
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de viagem**. São Paulo: Edusp, 1997.
- LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec, 1997.
- MARTÍNEZ, Frédéric. **El nacionalismo cosmopolita**: la referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845-1900. Bogotá: Banco de la República; Instituto Francés de Estudios Andinos, 2001.
- MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- NUÑEZ, Estuardo. **Viajeros alemanes al Peru**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1969.
- _____. **El Peru visto por viajeros brasileños**. Lima: Centro de Estudios Brasileños, 1980.
- _____. **Viajeros hispanoamericanos**. Temas continentales. Vol. 140. Caracas: Biblioteca de Ayacucho, 1989.
- PEREIRA SALAS, Eugenio. Discurso del Presidente de la Academia Chilena de la Historia. **Boletín de la Academia Chilena de la Historia Santiago**, nº 86. Santiago: Universitaria, 1972.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SANHUEZA CERDA, Carlos. **Chilenos en Alemania y alemanes en Chile**: viaje y nación en el siglo XIX. Santiago de Chile: LOM Editores, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador; a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SZURMUK, Mónica. **Miradas cruzadas**: narrativas de viaje de mujeres en Argentina (1850-1930). México: Instituto Mora, 2007.

VILCAPUMA VINCES, Patricia B. La ruta de Estuardo Núñez y otras miradas en la literatura de viaje del Perú. **Revista Fikr de estudios árabes, africanos e sul-americanos**. São Paulo: Edições Bibliaspa/ Lei de Incentivo à Cultura/ Ministério da Cultura - Brasil, 2008.

Documento eletrônico:

Portal *Memoria chilena*

http://www.memoriachilena.cl/temas/index.asp?id_ut=guillermofeliucruz,1900-1973.